

FLORESTA EM GALERIA

No vasto domínio da vegetação campestre que recobre em grande extensão o planalto central brasileiro, apresentam-se — quebrando a monotonia da paisagem que oferecem os vegetais de pequeno porte — adensamentos florestais, que se alongam e serpeiam pelas margens dos cursos d'água ou se estendem pelas depressões longitudinais, acusando a maior umidade do solo.

Tais formações, constituem as chamadas florestas ou matas em galeria, denominação devida aos botânicos europeus que deste modo traduziram o aspecto ou disposição peculiar dessa formação florestal. Cabe no entanto assinalar, desde logo, outras denominações por que são também conhecidas: matas ciliares, por se disporem sobre as eventuais pestanas de um rio; matas de fêcho ou de anteparo, segundo o botânico Lindman, porque são "nesgas de mata que acompanham as margens dos rios como cercas vivas ou anteparo"; matas juxtafluviais; matas marginais, e ainda, segundo Gonzaga de Campos, matas beira-rio ou matas de condensação.

A situação dessas matas, a beira-rio ou nas depressões longitudinais, deixa em evidência o valor do fator umidade telúrica sem que, no entanto, seja êle o único determinante dessa formação, pois devem ser levadas em conta, a umidade atmosférica e as condições "hidrográficas, topográficas e de ecologia vegetal".

A umidade atmosférica serviu de base, a Liais, para uma explicação desta ocorrência: a maior temperatura — em relação ao ar ambiente nas primeiras horas do dia — das águas no fundo dos vales permitiria o desprendimento de vapor, o qual seria condensado por contacto com as camadas mais frias do ar, dando assim margem à formação de neblinas.

As condições hidrográficas e topográficas — volume do rio e planícies aluviais nas margens — governam a constituição das chamadas pestanas e, por consequência, regem até certo ponto a presença ou ocorrência das matas, ditas ciliares. A tal respeito, Gonzaga de Campos nos dá um bom exemplo, colhido na Hiléia de Humboldt. Ai, o Amazonas, de águas ricas em material em suspensão, ao transbordar nas cheias, dá lugar ao depósito, nas suas margens imediatas, das partículas ou sedimentos maiores, formando assim uma espécie de barreira aluvional — as pestanas — onde se desenvolve uma floresta de solo inundável — o caa-igapó — e que nada mais é do que a mata ciliar.

As condições ecológicas são as mesmas exigidas para o desenvolvimento de qualquer tipo de floresta, que, segundo Flahault, e citadas por A. J. Sampaio, são: "período vegetativo quente, um solo e um sub-solo suficientemente úmidos e uma atmosfera úmida e calma, sobretudo no verão". No entanto, a ecologia florestal pode ser resumida, de acôrdo com Schimper, a dois fatores apenas: luz e umidade. De um modo geral, essas matas são formações hidrófilas, pois refletem mais a influência das chuvas e da umidade do solo do que da umidade atmosférica.

No planalto, as matas de anteparo representam a ocorrência da Flora Amazônica em meio à Flora Geral do Brasil ou Extrá-Amazônica. Quem viaja pelos rios do Brasil Central, ao ver as florestas que os emolduram faz uma idéa grandiosa, mas errônea, acerca da vegetação dominante na região, a qual é constituída pelos campos cerrados que se desenvolvem por traz das matas ciliares.

Essas matas em galeria, vistas de um ponto elevado, dão a idéia de um rio de verdura, destacando-se da baixa vegetação campestre que se estende em tórno, e até permitem o reconhecimento das caudais, invisíveis na sua maior parte, mas demarcadas pela fita vegetal. A gravura, que é reprodução de desenho baseado numa fotografia aérea, nos dá um aspecto dessas matas, colhido nos campos paulistas lindeiros com Minas Gerais, no planalto.

E' preciso notar que, muitas vezes, numa depressão longitudinal em meio aos campos estende-se uma fileira de árvores, resultado de uma sucessão de caapões, sem ser propriamente uma floresta em galeria. Formações desse tipo são encontradas nos campos sub-arbustivos, principalmente no Rio Grande do Sul. Há caapões que, dada a proximidade do rio, tomam um aspecto de mata juxtafluvial. Igualmente como as matas ciliares, os caapões — ilhas de mata em meio aos campos — são adensamentos de vegetação arbórea, em função da maior umidade do solo. Entretanto é preciso sublinhar duas diferenças: as matas em galeria geralmente marginam as caudais; a umidade no caso, é derivada do rio, e a forma do conjunto florestal é alongada. Já os caapões, assentando sobre terrenos cujos lençóis aquosos subterrâneos, em forma de bacia, afloram por erosão das camadas superiores, tomam a mesma configuração, circular, intimamente ligada à área de maior umidade.

As matas beira-rio apresentam-se praticamente com um só andar vegetativo composto por espécies arbóreas; os arbustos e ervas aparecem em número pequeno. Na Amazônia, a relativa igualdade de solo e clima não favorece uma riqueza em espécies diferentes à margem dos rios, nem favorece também a constituição de andar vegetativo inferior, dado o fácil alagamento marginal. Assim, no caa-igapó, as espécies arbóreas, que dão à formação o caráter de floresta, apresentam pequena variação florística.

No que se refere à composição, temos a considerar na Amazônia, pela frequência, o arapari, o tachí (*Tachia guianensis*), a mamorana... Já no Planalto Central, onde as condições mesológicas tem maior riqueza de aspectos, a diversificação das espécies constitutivas dessas matas é bem notável. A figueira, a ingarana (*Inga distriche*, Benth), a canela, a acupira, o cedro (*Cabralea laevis*, DC), a peroba (*Aspidoperma polyneuron*, Mull. Arg.), o ipê... fazem parte das matas que debruam os rios mais caudalosos; nos rios menores a ocorrência mais notável cabe ao taquarussú e ao taquiri. Entre as árvores fornecedoras de madeira preciosa, alinham-se: a aroeira, o cedro, o ipê, o jequitibá, o óleo vermelho...

Não obstante a frequente variação em espécies, as matas em galeria oferecem exemplos de agrupamentos puros, homogêneos. Assim, no rio Paraguai, entre a foz do Apa e Coimbra, estendem-se formações de carandá (*Copernicia australis*, Becc.), e que tem sido confundida com a carnaúba (*Copernicia cerifera*, Mart.). Outra palmeira, o buriti (*Mauritia vinifera*, Mart.) compõe também matas marginais homogêneas, principalmente nas cabeceiras dos rios do Brasil Central. O auacuri ou acuri (*Attalea phalerata*, Mart.) e (*Attalea princeps*, Mart.), constitue, nas imediações de Corumbá, Cáceres e Tapirapóã, belos tipos de matas de anteparo regularmente puras.

As matas em galeria constituem, juntamente com os caapões, duas modalidades de ocorrência da Mata Amazônica na imensidão dos campos brasileiros.

